CURSO BÁSICO EM
TEOLOGIA SISTEMÁTICA

CENTRAL DO ALUNO

HOMILÉTICA

SISTEMÁTICA
12



SETAT

FAÇA A DIFERENÇA
SEJA SETAT

PASTOR
LENILBERTO *Miranda*

Lenilberto Miranda, natural de Bodocó PE, Ministro do evangelho ordenado em 27/08/1998. Pastor no Ministério de Madureira, membro da CONAMAD, Bacharel, Mestre e Doutor em Ciências da Religião. Um dos Fundadores da FATESB- Faculdade de Educação Teológica Fonte de Belém, que nos seus mais de 25 anos já formou mais de 3.000 aluno em sala de aula 100% presencial. Escritor, conferencista e professor na cadeira da Teologia Sistemática, leciona Teologia desde 1997. Idealizador do projeto Teologia ao Alcance de Todos, no Youtube e Facebook com Vídeo aulas e dicas de Estudos e pesquisas no campo teológico.

QUEM SOMOS

O SETAT é uma instituição de ensino interdenominacional, independente e sem vínculo com denominações religiosas. Todos os cursos ministrados pelo SETAT são livres (EAD).

Temos por objetivo, a formação de lideranças a serviço do Reino de Deus, prepara pessoas de todas as igrejas evangélicas para o exercício do ministério cristão. Somos impulsionados pelo compromisso com a formação integral da pessoa, motivando-a e capacitando-a a crescer nas dimensões espirituais, intelectuais do seu ministério.

Motivados pela Graça de Deus, buscamos seguir o caminho de nosso Jesus Cristo em seu ministério de compaixão, sobre a direção do Espírito Santo, ensinar, capacitar e treinar a igreja.

Nossa visão teológica é CRISTÃ, com foco no ENSINO das Doutrinas Centrais do CRISTIANISMO, fundamentada nas ESCRITURAS SAGRADAS. Buscamos ser contextual e relevante para nosso tempo, preparando Líderes para a Missão integral da Igreja. Nosso compromisso e com a expansão do REINO DE DEUS Mc. 16.15.

A visão que Deus colocou no meu coração foi que milhões de pessoas tenham a possibilidade de estudar todo o conteúdo do curso Bacharel em Teologia em qualquer lugar do mundo. O método que utilizamos é dinâmico no ensino teológico e facilita ao máximo o aprendizado, ele se baseia nos modelos das maiores universidades abertas da Europa e dos EUA. É uma técnica rápida de transmissão de conhecimentos, divulgada durante a segunda Guerra Mundial que consistia em colocar os alunos em contato direto com o que deveria aprender. Os cursos contam com material didático online que ficará liberado para download e impressão, e correspondência enviada pelo correio. Com apoio para seus estudos, aulas Vips, cursos, palestras, treinamentos, vídeo conferência, vídeo aulas completas no nosso canal Teologia Ao Alcance de Todos no Youtube, Site, Facebook, Instagram, etc.

MISSÃO

Transformar pessoas simples, transmitindo vocação, chamado, experiências intelectuais e espirituais através da educação Teológica inovadora de qualidade, usando todos os recursos que possibilitem a todos o acesso fácil ao conhecimento, por meio de toda tecnologia moderna.

VISÃO

Ser um Seminário Reconhecido em todo território nacional até 2026, como uma referência em educação teológica a distância. Com uma metodologia extraordinária e inovadora em suas práticas pedagógicas e na transformação extraordinária de Líderes pensadores de sucesso ministerial.

VALORES

Amor, Carinho, Honestidade, Transparência, Respeito, Ética e Honrar ao realizar a obra de Deus, fazer os serviços operacionais e administrativos com ética cristã com excelência e eficiência, visando sempre a satisfação dos nossos alunos.

REDES SOCIAIS

Siga-nos em nossas Redes sociais, postamos muitas aulas dicas e ferramentas gratuitas para você aprendar ainda mais sobre a palavra de Deus



TEOLOGIA AO ALCANCE DE TODOS

Em nosso canal no youtube você irá receber aulas dicas tutoriais e ferramentas que lhe ajudarão em seu ministério

CLIQUE PARA CONHECER



TEOLOGIA AO ALCANCE DE TODOS

Em nossa PAGÍNA você irá receber aulas dicas tutoriais e ferramentas que lhe ajudarão em seu ministério

CLIQUE PARA CONHECER



TEOLOGIA AO ALCANCE DE TODOS

Em nossa Perfil você irá receber aulas dicas tutoriais e ferramentas que lhe ajudarão em seu ministério

CLIQUE PARA CONHECER

O MELHOR CANAL PARA CASAIS, SOLTEIROS E JOVENS DO YOUTUBE

YouTube LENILBERTO *Miranda*

Informações:

TEOLOGIAAOALCANCEDETODOS.COM.BR

INTRODUÇÃO 4
CONCEITO BÍBLICO DE PREGAÇÃO 6
OS PRIMÓRDIOS DA PREGAÇÃO 10
I. SERMÃO TEMÁTICO: 33
ESBOÇO DE UM SERMÃO TEXTUAL 36
III. SERMÃO TEXTUAL ANALÍTICO 38
IV. SERMÃO TEXTUAL POR INFERÊNCIA 38
V. SERMÃO EXPOSITIVO 38
ESBOÇO DE UM SERMÃO EXPOSITIVO 40
II. FONTES DA INTRODUÇÃO 41
III. ARGUMENTO DO TESTEMUNHO 46
O DILEMA 49
1. O QUE É ILUSTRAÇÃO? 51
2. O VALOR DA ILUSTRAÇÃO 51
3. A ILUSTRAÇÃO ATRAI A ATENÇÃO 52
4. ELA GRAVA RAPIDAMENTE A MENSAGEM 52
1. OS SEIS PROCESSOS RETÓRICOS 54

INTRODUÇÃO

A palavra Homilética vem do grego Himiletikos e significa ato de pregar sermões, de falar elegantemente na oratória eclesiástica. E no latim significa a arte de falar bem. Esse termo vem da palavra grega homilia. O verbo homilein era largamente usado pelos antigos filósofos sofistas da Grécia, a fim de expressar a comunicação. É a homília o mais antigo dos diferentes tipos de discursos cristãos. Historicamente, herdando uma prática dos judeus que ensinavam as Escrituras nas sinagogas, isto era feito de forma popular, vindo a tomar a sua forma tradicional e conhecida no período dos pais da igreja, entre eles Hipólito, Orígenes e outros grandes pregadores, que variavam muito os seus estilos, de acordo com as escolas de maior influência.

O termo homilética parece ser o mais adequado para designar ou indicar o sermão, de acordo com sua origem. Pela evolução do uso, atualmente é sinônimo de retórica sacra. Por isso dizemos que é a homilética a arte de fazer sermões. Sendo assim, não devemos pensar em homilética como técnica de comunicação

verbal, embora possa ser assim tomada. Mas, no entanto, ela deve estar sempre subordinada à teologia, porque está sempre a serviço de uma mensagem divina. Hoje em dia não se pode e nem mais se deve falar em homilética fora da teologia. O uso correto e espontâneo da homilética é de grande valor no ministério do pregador. A prova disso é que os maiores pregadores do mundo fizeram uso dela e se deram muito bem. O uso da homilética deve ser espontâneo, caso contrário se t orna um trabalho mecânico, meramente técnico e sem vida. O uso da homilética só é eficiente quando o pregador procede sem constrangimento. Sábios conselhos de um velho pregador

a) Faça o favor de não ler o sermão e evite consultas frequentes ao esboço

b) Nunca improvise um sermão. Deus não abençoa preguiçosos. c) Não grite exageradamente. O evangelho é uma proclamação, não um leilão, ou um desespero. Use seu entusiasmo, mas não gritaria. Você está na casa de Deus e não na feira.

2 d) Não fale demais. Vá parando quando os ouvintes começarem a consultar o relógio.

e) Tenha compostura no púlpito. Cuide do vestuário, da aparência pessoal. Ao pregar, não fique olhando para o teto e nem para o assoalho. Olhe para o auditório.

f) Seja humilde. Sufoque a vaidade.

g) Seja pontual. Não faça Deus esperar. Não roube o tempo do povo.
h) Viva o seu sermão. Que ele não saia apenas dos seus lábios, mas do coração.

i) Viva como se a morte fosse amanhã. Estude como se a vida fosse eterna. Pregue como se fosse seu último sermão.
j) Ore. Colha sermão de joelhos. Tg 1:17

CONCEITO BÍBLICO DE PREGAÇÃO

A pregação é aquele processo único pelo qual Deus, mediante seu mensageiro escolhido, se introduz na família humana e coloca pessoas perante si, face a face.

Sem essa confrontação não é pregação verdadeira. Desde que a pregação se originou na mente de Deus e é o seu recurso característico para chegar aos corações dos homens com a mensagem planejada para salvar a alma, obviamente é sua prerrogativa estabelecer os padrões.

É um infortúnio para a causa cristã quando padrões seculares substituem o modelo sacro e a pregação torna - se um mero instrumento da cultura e um meio para ensinar ética e moral isoladamente das Sagradas Escrituras.

O propósito da homilética é auxiliar o pregador na transmissão da mensagem de Deus de maneira a revelar o máximo a verdade iluminadora. Podermos, portanto, definir homilética como a ciência de aplicar os princípios do discurso público eficaz na pregação religiosa, é a arte de aplicar a verdade de Deus às

necessidades do homem. A homilética é uma ciência por basear - se em princípios que foram observados como contribuindo para o sucesso de oradores através dos séculos.

Ao mesmo tempo, há muito na pregação que participa da arte.

O pregador necessita de Homilética 3 uma imaginação poética e precisa fazer uso daqueles elementos contidos em toda arte, tais como equilíbrio, ênfase, forma, unidade e clímax. No NT, um pregador é uma pessoa que tem o chamado interior da parte do Espírito Santo e o chamado exterior da parte da igreja, e que foi devidamente consagrada para proclamar o Evangelho. A tarefa do pregador é falar como testemunha pessoal de Deus, interpretando - a, explicando - a e aplicando - a às necessidades das pessoas.

A definição mais comum da pregação é composta de duas citações de Phillips: “A pregação é a comunicação da verdade através da personalidade”. O bispo Manning dá uma definição mais teológica quando chama a pregação de “a manifestação da palavra encarnada na

palavra escrita, através da palavra falada". Henry Sloane Coffin descreveu a pregação como "a verdade através da personalidade a fim de constranger imediatamente a consciência".

O homilético de renome Andrew W. Blackwood, Sr., deu duas definições condignas: "A pregação é a verdade divina pronunciada por uma personalidade escolhida, a fim de satisfazer a necessidade humana" e, "pregação significa interpretar a vida hoje, à luz das Escrituras, de modo que as necessidades do ouvinte sejam satisfeitas agora, e o ouvinte seja orientado na realização da vontade de Deus amanhã". No Antigo Testamento, o termo pregar é usado como proclamar ou contar boas novas.

O Novo Testamento usa o termo grego evangelizo (evangelho), que significa anunciar boas novas. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento o pregador é de escrito como um proclamador, um anunciador de boas novas, um arauto sagrado. O pregador é aquele que proclama a mensagem recebida de Deus. Desse modo, numa das preleções na universidade de Yale sobre a pregação, certo professor disse: "Todo pregador deve

receber a sua comunicação diretamente da parte de Deus, e o propósito constante de sua vida deve ser recebê-la de modo inalterado e entregá-la sem adição ou subtração".

OS PRIMÓRDIOS DA PREGAÇÃO

Os primórdios da pregação encontram - se no V.T. Ali, conforme alusões do NT, "também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão (Jd 14); e Noé é chamado de pregador da justiça (II Pe 2:5)". As bênçãos de Isaque e de Jacó são exemplos de discurso formal, religioso, num estilo poético. O livro de Deuteronômio é uma sé rie de sermões que repetem, expandem e reforçam boa parte da legislação de Moisés.

Desde os tempos de Samuel até os de Jeremias, aconteceu o grande período profético da história de Israel. Dentro desse período surgiram Samuel, Natã, Gade, Azarias, Elias, Eliseu, Joel, Miquéias, Isaias, Jeremias e outros. Esses pregadores vinham ao povo e aos reis com suas mensagens da parte de Deus, sua

mensagem frequentemente começava com a frase: Assim diz o Senhor. Imploravam, advertiam, repreendiam, encorajavam, falavam de julgamentos, inspiravam com promessas fulgurosas da glória do porvir. Os relances que possuímos destes profetas relevam a grandeza do seu caráter, a força da sua influência e o valor permanente das suas mensagens. O último período da profecia hebraica estendeu- se de Ezequiel e Daniel a Malaquias, do exílio à restauração e depois disso. Durante esse período, o caráter e a influência da profecia não se alteraram notavelmente. Continuava sendo a voz de Deus através de pessoas escolhidas para seu povo escolhido. Ainda falava à vida e aspirações religiosas do povo, pregando para o presente, mas também para o futuro. Durante o período intertestamentário, houve importante progresso com relação à pregação.

Este progresso ocorreu em conexão com os cultos nas sinagogas. Uma parte importante do culto veio a ser a explicação das Escrituras, que eram lidas e depois interpretadas. Sinais desse fato acham- se em Neemias 8 e se referem à pregação de Esdras. O N.T. registra que tanto Jesus como os discípulos faziam uso do culto

na sinagoga para pregar o evangelho. João Batista era o elo de ligação entre o Velho e o Novo Testamento.

Ele foi o último e o maior dos profetas, e também o primeiro pregador da nova fé. João era marcado pela força de caráter juntamente com uma personalidade poderosa.

Anunciou a vinda imediata do reino de Deus prometido. O Messias prometida agora estava para chegar, e João era apenas uma voz que preparava o caminho do Senhor.

Conclamava para um arrependimento sincero e comprovado, que seria simbolizado pelo ato do batismo. João não fazia uso das sinagogas, mas pregava ao ar livre, perto dos rios onde os batismos eram realizados. Recebeu o mais alto louvor de Jesus, que disse a respeito dele: Entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista (Mt 11:1).

O fundamento da pregação também se encontra no exemplo de Jesus. Ao compararmos a pregação de Jesus com a de João Batista, podemos ver tanto

semelhança como diferença. Os dois falavam do reino de Deus. Mas cada vez mais Jesus interpretava as promessas no sentido de serem cumpridas nele mesmo. Proclama que ele mesmo é o cumprimento da profecia como Filho, e portanto, o revelador de Deus.

Falava a respeito de si mesmo como salvador e libertador das pessoas. Se apresentou como sendo o caminho para Deus, o bom pastor que dá a vida pelas ovelhas, o redentor que daria a sua vida em resgate por muitos. Ele, Jesus, é o próprio evangelho. Ao contrário de João Batista, Jesus conclama as pessoas a terem fé no Senhor que agora chegou. Ele oferece a si mesmo e a sua obra para a aceitação dos seus ouvintes. Ele é a revelação e a concretização dos modos graciosos de Deus com as pessoas, e deve ser recebido como tal, e ser objeto da fé. Jesus pregava em várias localidades, para auditórios de tamanhos variados. Às vezes falava a grupos pequenos e em outras ocasiões à vastas multidões.

Às vezes interpretava as Escrituras num culto da sinagoga, enquanto que em outras ocasiões pregava nos campos ou à beira do mar. A pregação de Jesus era

marcada por autoridade e por uma confiança serena em Deus, em si na sua missão e mensagem. Vezes trovejava o juízo, em outras ocasiões fazia convite com ternura. Na sua pregação harmonizava parábolas, aforismos, argumentos e exposições bíblicas.

Os evangelhos registram duas ocasiões em que Jesus enviou grupos de discípulos em missão de pregação. Deu -lhes a sua mensagem, juntamente com instruções práticos sobre como deviam cumprir seu ministério. O livro de atos retrata os discípulos esperando pela promessa do Espírito Santo em Jerusalém. Atos e as epístolas oferecem exemplos de pregação apostólica depois do pentecostes. Essa pregação era marcada por um poder raramente visto em épocas subsequentes. É possível que isso tenha acontecido porque os apóstolos dependiam mais da obra do Espírito Santo. O conteúdo da pregação primitiva era Cristocêntrico – a vida, a morte, a ressurreição e a Segunda vinda Homilética 6 de Jesus Cristo. Cristo era o tema central e dominante do evangelho.

Havia uma conclamação ao arrependimento em demanda da nova fé. Na pregação dos apóstolos

achamos os dois elementos permanentes da pregação cristã: a evangelização e a instrução. Apresentam- se livremente a todas as pessoas as reivindicações e exigências do evangelho.

Há, também, instrução pública regular para os crentes nos cultos baseados nas Escrituras. A pregação de João Batista era transicional, a pregação de Jesus era sem igual, enquanto a pregação dos apóstolos e da igreja primitiva fica sendo o nosso modelo. A pregação na história eclesiástica Depois da morte dos apóstolos e dos seus cooperadores na igreja primitiva, há um declínio da pregação até que, gradativamente, seu poder aumenta até alcançar um nível alto nos séculos IV e início do V.

A partir daí, a pregação cai numa longa noite de obscuridade e fraqueza, começando a se reavivar com a pregação das cruzadas e a ascensão do escolasticismo. Chegou à sua forma medieval no século XIII. Em seguida, há um novo decréscimo geral em pureza e poder. A reforma aparece como outra grande onda que desenvolveu lentamente a força até encontrar seu auge na primeira parte do século XVI.

Depois da reforma, com a fragmentação da igreja visível, a pregação é marcada pela diversidade ao espalhar- se de país em país e de denominação em denominação. Cada país e cada denominação tem seus picos de poder e declínio na pregação. As tendências contemporâneas na pregação incluem a pregação litúrgica, a pregação holística, etc. Há também a pregação baseada na teoria das comunicações e também a chamada pregação da libertação (alguns homiléticos incluem nessa categoria a pregação negra e feminista), a pregação que se fundamenta na teoria da linguística, a pregação da situação vivencial, a pregação indutiva e a pregação narrativa. Há uma renovação do interesse pela pregação teológica. O perfil do mensageiro Sua vocação

No Antigo Testamento o pregador era o profeta. Este título é derivado do grego “profectes”, que por sua vez, é tradução livre do hebraico “nabhi”, significando alguém que é chamado (por Deus), alguém que tem uma vocação (da parte de Deus). Assim o profeta era o homem que se sentia chamado por Deus numa missão especial, em que a sua vontade se subordinava à vontade de Deus, que lhe era comunicada por

inspiração direta. No N.T., o pregador era um apóstolo, um enviado de Deus (grego aprestalmenos), como João Batista (Jo 1:6).

O apóstolo Paulo se identificava como um chamado para ser apóstolo. João Batista foi tão popular em sua época que toda Jerusalém e Judéia acorreram ao seu avivamento.

O Espírito Santo usou muitos prega dores na infância da igreja, tais como Pedro, ousado e positivo; Estevão, claro e corajoso; Paulo, lógico e zeloso. Esses e tantos outros movidos pelo Espírito Santo invadiram o terreno do inimigo com um coração de fogo, uma consciência sadia e uma mensagem viva e ardente cheia de convicção. A maioria dos pregadores da igreja primitiva não tinha um alto grau de cultura, mas falavam um verbo inspirado pelo Espírito Santo.

Depois desses vieram outros igualmente dedicados e zelosos que não receberiam sua mensagem diretamente do Espírito Santo, mas da primeira geração de cristãos que tinham escrito em suas penas mergulhadas na tinta da inspiração. Por volta do IV

século, a oratória de púlpito tinha alcançado um alto grau de excelência, pois foi durante essa era pós nicena que: Agostinho (354 -430), um retórico convertido, estava aplicando a retórica de Cícero à pregação cristã; Ambrósio (340 -397), de seu púlpito em Milão, defendia: o pregador seja no máximo um vaso de barro (II Co 4:7). Deus salva o homem pelo homem, através da loucura da pregação (I Co 1:21).

Seu caráter como em nenhuma outra vocação, no ministério o caráter é decisivo.

O Espírito Santo simplesmente não se identificará com os impuros ou não consagrados. Purificai-vos, os que levais os utensílios do Senhor (Is 52:11). O autêntico pregador para ter sucesso no seu ministério, em primeiro lugar, deve viver o que prega e pregar o que vive. Uma pessoa profundamente harmonizada em si mesma irradia harmonia ao redor de si e satura dessa imponderável e benéfica radiação todas as coisas. As suas auras benéficas envolvem tudo num halo de serenidade e bem-estar, de fascinante beleza e luminosidade, que atuam, imperceptível, porém seguramente, sobre outras pessoas receptivas.

O homem que estabeleceu a paz de Deus em sua alma é um poderoso fator para restabelecer a paz em outros indivíduos, e, através destes, na sociedade, não é necessário que fale muito em paz, que aduza eruditos argumento pro pace – basta que ele mesmo seja uma fonte abundante de um veemente foco de paz.

O filósofo norte - americano Emerson disse certa vez a um homem que falava muito em paz, mas não possuía dentro de si: “Não posso ouvir o que dizes, porque aquilo que és troveja muito alto. Quem não é pacificado dentro de si mesmo, não pode ser pacificador fora de si. Um único homem que tenha chegado à plenitude do amor neutraliza ódio de milhões.

Bem aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus (Mt 5:9). Sua função Em parte alguma a função do ministro é posta sob luz mais clara do que nas conhecidas palavras do apóstolo Paulo: “De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus (II Co 5:20).

Nesta alta função, o pregador não deve então jamais torcer ou modificar a mensagem de Deus. Ele deve manter o foco de luz sobre a pessoa de Cristo e não sobre si mesmo; deve falar sobre tópicos de Deus e não do homem. O pregador verdadeiro tem de ser necessariamente um revolucionário sob a bandeira do maior de todos os revolucionários da história, o nazareno, que veio lançar fogo à Terra, o príncipe da paz. Do cristão genuíno nada espera o mundo, e do mundo nada espera o verdadeiro discípulo de Cristo. Quem assimilou a suprema loucura do sermão da montanha é imprestável para a sabedoria do mundo.

O pregador é um verdadeiro revolucionário. Não destruindo o que foi construído como fazem os revolucionários mundanos, mas construindo o que foi destruído. É fácil ser um revolucionário destruidor, basta derrubar o que está de pé, ato simples de violência. Difícil é ser revolucionário construtor, porque requer o levantamento de algo que ainda não foi levantado, e isto supõe grande inteligência espiritual. Uma breve história da pregação A história está repleta dos registros daqueles que foram fiéis mensageiros de Deus. Enoque (Jd 1) profetizou; Noé foi pregador da justiça de Deus (II

Pe 2:5); Moisés fez três longos discursos em Dt; Josué e Samuel transmitiram a mensagem de Deus.

Os profetas (proclamadores ou reveladores, e não simplesmente anunciadores) ardiam de zelo pelo Senhor e pronunciavam com força e vigor a surpreendente ilustração os seus, “assim diz o Senhor”. Habilmente contra a heresia ariana, Crisóstomo (347 - 407), chamado de boca de ouro, pregou com eloquência em Antioquia e Constantinopla.

Deste apogeu, porém, houve um rápido declínio para as trevas da idade média, quando pouca pregação digna de nota foi feita. Muitos argumentavam que a pregação durante esta época foi ineficaz por ter despendido cada vez menos das Escrituras e cada vez mais dos pontos de vista dos concílios e teólogos. Reforçando esta crença está o fato de que com o movimento da reforma houve um retorno à pregação de alto nível. Todos os grandes reformadores – Lutero, Calvino, Knox, Wesley, Savonarola, fizeram uso da pregação para expor seus pontos de vista e incentivar seus seguidores. Estes foram seguidos por uma segunda e terceira geração de pregadores religiosos, tais como Jonathan Edwards

(1703 -175 8) e George Whitefield (1714 - 1770), que abriram caminho para o grande despertamento americano do século XVIII; Henry Ward Beecher (1813 - 1887) e Philips Brooks (1835 -1893) que influenciaram milhares de pessoas nos Estados Unidos. Durante o século XIX, Alexa ndre Campbell (1788 -1886), Walter Scott (1796 -1861) e Barton W. Stone (1772 - 1844) que iniciaram o movimento de restauração da América. Nesse ínterim, na Inglaterra, Frederick W. Robertson (1816 - 1853), Charles H. Spurgeon (1834 -1892) e Alexandre Maclaren (1 826 - 1910) estavam fazendo sermões para grandes multidões. Objetivo da pregação

A excelência da pregação tem origem num senso de urgência pelas necessidades da humanidade com a mensagem de Deus revelada pelo Espírito para essa necessidade. A pregação excelente, assim como a boa pregação, exige uma compreensão das necessidades humanas e um conhecimento dos remédios divinos. Através daqueles homens que marcaram a história da pregação podemos também descobrir o papel central do pregador: desenvolver espiritualmente as pessoas, levar os que desviaram de volta a um Deus cheio de amor.

Aos que nasceram da água e do Espírito ele deve fornecer direção no sentido de uma espiritualidade forte e profunda. O pregador que concebe o seu papel como o de ministrar às necessidades físicas e sociais pode ser de alguma ajuda para sua congregação, mas como Paulo indicou a Timóteo: pois o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora o é e da que há de v ir (I Tm 4:8).

Aquele que salva o corpo faz bem; o que salva a mente faz melhor; mas o que salva a alma faz muito melhor. Mas, o que o pregador pode fazer e como ele pode despender o seu tempo a fim de edificar os espíritos em sua congregação? O pregador deve ser um orador público, um professor particular, um conselheiro, um visitador, um administrador, um secretário, um zelador ou tudo isso?

Ninguém pode incentivar o crescimento espiritual em outros sem que esteja também crescendo. O pregador deve, portanto, dedicar tempo ao estudo, à meditação e à oração. Após a salvação, a ênfase é as coisas que acompanham a salvação (Hb 6:9). A necessária nutrição

e motivação da vida cristã envolve os seguintes objetivos específicos: Consagração Com vistas a uma devoção e uma entrega a Cristo e à vida separada cada vez mais evoluída (Rm 12:1), o pregador deve esforçar o máximo para dar ao povo o melhor, e isso só é possível através de longos períodos de estudo e oração.

O pregador deve estudar como se tudo dependesse dele, e deve orar como se tudo dependesse de Deus. Para muitos esses estranhos paradoxos parece uma estranha tragédia, quando na verdade é uma deslumbrante epopéia.

Doutrinação Para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo o vento de doutrinas...Ef 4:14 Inspiração Para aquecer o coração com a alegria do Senhor (Ne 8:10) para colocar na alma uma doxologia ou aleluia; para promover o espírito de louvor e ação de graças. Existem pregadores que são como árvore de natal, cheio de enfeites externos, porém sem vida interna. O verdadeiro pregador é como planta viva que, da própria vitalidade intrínseca, produz os seus efeitos.

Melhor a mais modesta das plantas com vida própria do que a mais deslumbrante árvore enfeitada com lantejoulas fictícias, sem vida verdadeira. Consolação Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras (I Ts 4:18). Consolai o meu povo (Is 40:1), não é menos imperativo do que convocá-lo para o arrependimento ou levanta-lo para a ação heroica ou sacrificial. Fortalecimento Os crentes precisam ser confirmados e fortificados na fé. Fortalecidos...em toda a perseverança e longanimidade (Cl 1:11) Convicção Meras conjecturas e opiniões sustentadas debilmente precisam amadurecer, transformando- se em convicções antes de poderem ser compartilhadas. Os apóstolos falavam de convicção profunda quando diziam:

Nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos (At 4:20). Ação Tornai- vos, pois, praticantes da palavra, e não somente os ouvintes (Tg 1:22). A pregação deve ter por finalidade comunicar todo o desígnio de Deus (At 20:27), em todos os níveis de maturidade e entendimento. Um método sistemático é naturalmente melhor do Homilética 12 que um casual. Um plano para registrar, reter e revisar esses vislumbres eternos é fundamental no ministério do pregador. Da

faísca para as chamas não é apenas o processo de preparo e entrega do sermão, é também o ponto da pregação, o entusiasmo criativo.

Se isto acontecer, à percepção de uma nova verdade, ou um novo aspecto da antiga verdade, provavelmente haverá uma alegria que se aproxima do êxtase. Em resumo, se o sermão começar com a faísca ele pode acender o fogo; se, se tratar simplesmente da escolha de um assunto, é provável que o “apague”. O período de combustão lenta é propício à investigação, exegese, análise, pesquisa, meditação e oração. Ele não só permite a coleta de mais material do que o necessário para a meia hora de sermão, mas também a escolha da maneira mais significativa de apresentação.

Mesmo que a entrega seja feita de improviso, este período permite a escolha de várias palavras e frases - chave. O resultado final deste período é o esboço do sermão – um meio de estabelecer, de forma resumida, as ideias principais do sermão com o material que o a companha, e mostrar a relação exata que existe entre cada item e todos os demais.

Fazer o esboço é, sem dúvida, o melhor método para as diferentes ideias que o pregador possa ter encontrado a respeito de um tema, transformando-as num todo. A chama quando o pregador sobe ao púlpito, ele deve estar pegando fogo, queimando por dentro com sua mensagem.

Tudo teve início com uma faísca que associou criativamente uma verdade bíblica a necessidade humana, entrou em lenta combustão. Ele praticou o sermão a fim de dar-lhe os últimos retoques; decorou o esboço para poder dar quase toda sua atenção ao auditório; e passou seus instantes finais antes de subir ao púlpito em oração silenciosa e intensa a Deus para que seja cheio do poder do Espírito Santo.

Agora está pronto para que a chama que arde em seu íntimo seja o combustível que vá inflamar a congregação para o Senhor. Os jovens, os robustos, os ambiciosos, tem necessidades, como também os velhos, os fracos e os abatidos. Todos igualmente precisam ser conduzidos àquele que é a fonte de todo auxílio.

O processo da pregação Jesus instruiu os seus discípulos dizendo: Não cuideis em como, ou que haveis de falar, porque naquela hora vos será concedido o que havereis de dizer (Mt 10:19). Na era apostólica, esta foi uma excelente instrução para os pregadores e o efeito foi eficaz.

Algumas pessoas hoje em dia abusam desse ensino, recusando - se a estudar com o fim de ensinar e pregar, alegando que possuem tal inspiração; mas, geralmente, sua prédica e seu ensino não trazem os sinais dessa inspiração, mas antes, da negligência no dever de manejar bem a palavra de Deus (II Tm 2:15). O que deve o pregador fazer antes de levantar- se para entregar a mensagem de Deus ao povo?

Alguns sugerem que tudo que ele precisa é tomar um versículo bíblico, lê-lo e explicá-lo.

Mas o como isto tem sido falho! O mensageiro de Deus na escolha da mensagem também deve considerar as circunstâncias das pessoas, preparar os materiais, e falar com muita clareza para que o seu pensamento seja compreendido.

A faísca criativa Quase todo sermão digno de trinta minutos do tempo do ouvinte começa com uma faísca criativa, aquela percepção instantânea em que o homem exclama: é essa a lição que eles precisam. Isto pode ocorrer quando medita nas Escrituras, lendo outros livros, quando estiver ouvindo um sermão ou palestra, revendo livros de notas ou arquivos, enquanto conversa, pesca ou dirige o seu carro, ou enquanto sonha. Embora as faíscas aparecem espontâneas, elas na verdade são resultadas do riscar da mente preparada com cuidado contra a pederneira das Escrituras.

Por esta razão, todo pregador deve ter sempre a mão uma caneta e papel para apanhar esses lampejos. O fato de o pregador fazer uso de fichas, livros de notas, ou pedaços de papel não é tão importante como capturar a faísca e preservá-la até que possa inflamar uma congregação inteira, produzindo nela amor, zelo ou compreensão. O texto A palavra texto vem do latim textos, tecido.

A palavra sugere a tecitura ou o fundamento das ideias e pensamentos sobre os quais o discurso se baseia. Significa ainda, todo passo ou trecho bíblico lido pelo

pregador, seja um capítulo, um trecho histórico, um parágrafo sobre que o pregador fará sua exposição. Modernamente o texto é o versículo, a frase, ou até mesmo uma única palavra sobre que o pregador edifica seu sermão.

Vantagens do uso do texto O texto adverte ao pregador de que ele está interpretando a palavra de Deus, e não a dos homens. O texto dá autoridade à pregação. O texto bem escolhido, despertará interesse nos ouvintes. Classificação dos temas do sermão

1- Assuntos doutrinários Estes são temas que abordam doutrinas tais como: contribuição (dízimo), arrependimento, fé, regeneração, graça, santificação, trindade divina, etc. Além destes, há os temas polêmico s e apologéticos que tem de pôr fim a defesa das doutrinas e dos princípios evangélicos ou cristãos.

2- Temas morais Estes são relacionados com a conduta, as virtudes e a vida cristã, quanto a sua conformidade com os padrões éticos do evangelho e princípios ortodoxos aceitos pela igreja.

3- Assuntos históricos A Bíblia está cheia de fatos históricos relacionados com os ensinos doutrinários e morais.

4- Temas biográficos esta é uma classificação nova que agora destacamos ou separamos dos sermões históricos, onde os mais entendidos os colocaram, ou seja: Abraão, Isaque, José, Moisés, Davi, Paulo e tantos outros.

5- Tópicos oriundos da experiência São elementos históricos, doutrinas tiradas dos antigos crentes do A.T. e do N.T. que andaram com Deus, de crentes servos de Deus que viveram nos tempos da igreja primitiva e de outros, até em nossos dias, que viveram pela fé e morreram firmes, e as experiências do próprio pregador. 6- Temas ocasionais é uma classe de sermões que varia com as circunstâncias como segue: a) Sermões fúnebres: Quando pregados em cerimônias de sepultamento. Dada a variedade de pessoas em tal auditório, deve pois o pregador saber da importância e da solenidade da ocasião. O objetivo do pregador é mover os corações dos ouvintes e levá-los a Cristo, e uma advertência muito solene é que, em casa de

enforcado não se fala em corda. Quer dizer, não devemos desvirtuar o sentido da cerimônia. b) Sermões acadêmicos: São os pregados a estudantes de escolas secundárias e superiores. Devem ser curtos e bem ilustrados, abordando assuntos de interesse vital para mocidade, tanto do ponto de vista religioso como moral. c) Sermões para crianças: Estes devem ser proferidos em vocabulários e estilo que não estejam acima da compreensão da mente infantil. O elemento fundamental que desperta interesse são as histórias, fábulas e ilustrações. O sermão para crianças que alcança êxito deve ter três elementos indispensáveis:

1) Vocabulário simples, à altura da mente infantil;

2) Muita ilustração para manter cativa a atenção do auditório;

3) Brevidade. As crianças não suportam sermões longos.

d) Sermões nupciais: Também devem ser curtos, visto que os noivos e muitas pessoas os ouvem de pé.

O sermão nupcial oferece ao pregador excelente oportunidade para expor elevados princípios evangélicos a respeito da vida matrimonial a um auditório muito heterogêneo (misto).

Além da cisma mencionada há, ainda, vários assuntos ocasionais: Ação de graças, natalícios, consagra tórios, dedicatória de templos, seminários, colégios, etc. Espécies de sermão

I. Sermão temático:

a) Definição É aquele cuja divisão é extraída do tema. Noutras palavras, divide - se o tema e não o texto de onde o tema é tirado b) É extraído do assunto de um texto, expondo - se em forma de preposição, não mais se tratando do texto, como se a ele não pertencesse. Esse tipo de sermão está ligado ao título, isto é, ao assunto. O tema ou preposição é a frase - chave, resume substância do discurso. Tudo que esse sermão recebe do texto é sua ideia central. O tema deve ser bem escolhido; de preferência constituído de uma frase

de uma frase ou oração, e não devendo ser representado apenas por uma sentença ou palavra.
Esboço de um sermão temático

Título: Oração não respondida Tema: A causa da oração não respondida I. Pedir mal (Tg 4 :3)

II. Pecado no coração (Sl 66:18)

III. Duvidar da palavra de Deus (Tg 1:6 -7)

IV. Vãs repetições (Mt 6:7)

V. Desobediência à palavra (Pv 28:9)

VI. Procedimento irrefletido nas relações conjugais (I Pe 3:7) Título: A esperança do crente Tema: Características da esperança do crente I. É uma esperança viva (I Pe 1:3) II. É uma esperança salvadora (I Ts 5:8) III. É uma esperança segura (Hb 6:19) IV. É uma boa esperança (II Ts 2:16) V. É uma esperança invisível (Rm 8:24) VI. É uma esperança bendita (Tt 2:13)

VII. É uma esperança eterna (Tt 3:7) II. Sermão textual

1) As regras básicas e os mesmo princípios válidos para os temáticos ou tópicos.

A divisão é a mesma. Há duas categorias: os que apresentam um só assunto e os que discutem diversos.

2) As divisões derivam- se do texto.

3) É um tipo de sermão mais fácil de preparar para o obreiro que possuir grande conhecimento das Escrituras Sagradas.

4) Não são todos ou qualquer texto que se apresente a este tipo de sermão tal como Deus é amor (I Jo 4:16).

5) Bons expositores são de opiniões que não deve passar de quatro versículos. Um texto maior seria para o tipo de expositivo, aliás, é bom lembrar que o textual é um expositivo de pequena extensão.

Esboço de um sermão textual

Vamos tomar como exemplo Ed 7:10 que diz: Porque Esdras tinha disposto o coração para buscar a lei do Senhor e para cumprir e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos. Observando bem o texto, percebemos que o propósito do versículo, é mencionar o desejo do coração de Esdras.

E assim, podemos dividi-lo da seguinte forma:

a) Estava disposto a conhecer a palavra de Deus.

b) Estava disposto a obedecer a palavra de Deus, e para a cumprir.

c) Estava disposto a ensinar a palavra de Deus, a fim de Israel aprender os estatutos e os juízos de Deus.

Título: O sal da terra (Mt 5:13)

1. Vós, dizia o grande mestre aos seus discípulos. Hoje com os pregadores.

2. Chama-lhes dal da terra, porque quer que façamos na terra o que faz o sal.

3. O efeito do sal é impedir a corrupção. Mas quando a terra ver tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que tem ofício de sal. Qual será ou qual pode ser a causa dessa corrupção?

4. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina. Ou é porque se não deixa s algar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão e não querem receber.

5. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem d o que o que eles dizem.

III. Sermão textual analítico

1. Baseia - se em resposta e pergunta sugeridas ao textuais como: Onde? Quê? Para quê? As respostas, no caso acima são dadas pelas declarações ou sentenças que o próprio texto oferece. Por isso, os pontos principais são apresentados de forma interrogativa.

IV. Sermão textual por inferência

1. Nesse caso, as declarações textuais são reduzidas a uma expressão sintática ou a uma palavra que encerre o conteúdo. É útil este tipo de sermão a textos que não permitiam a divisão natural.

V. Sermão expositivo

1. Seu principal objetivo é a exposição do texto sagrado.

O sermão expositivo é o modo mais eficaz de pregação, porque mais do que todos os outros tipos de mensagens, ele, com o tempo, produz uma congregação com sólidos ensinos fundamentados na Bíblia.

Ao expor uma mensagem da Sagrada Escritura, o ministro cumpre a função primária da pregação, a saber interpretar a verdade bíblica (o que nem sempre se pode dizer dos outros tipos de sermões).

2. É excelente para explicação das Sagradas Escrituras. O sermão expositivo é aquele que trata da explicação de uma unidade bíblica de quatro ou mais versículos, de um capítulo ou de toda a Bíblia.
3. O pregador ao pregá-lo precisa ter o cuidado para não o fragmentar demais, quebrando sua unidade e transformando -o numa série de pequenos sermões textuais.

Esboço de um sermão expositivo

Vamos tomar como exemplo Ef 6:10 -18 I.

A moral do crente, vs 10 -13
II. A armadura do crente, vs 14 -17 III. A vida de oração do crente, v 18 Partes do sermão

O sermão é constituído de três partes, a saber: 1. Introdução ou exórdio, no qual estão incluídos o texto e o tema.

2. Divisão ou desenvolvimento do sermão.

3. Conclusão, peroração ou aplicação, quando também aproveitamos para o convite final.

I. Características da introdução:

1. Em geral deve ser preparada em antecipação. Uma introdução improvisada é, normalmente, imprecisa, obscura e hesitante. E isso impressiona mal os ouvintes.

2. Deve ser proferida com firmeza e segurança para impressionar bem.

3. Deve ser breve, quando longa aborrece o auditório.

4. Não deve antecipar elementos contidos no corpo do sermão. Se tal acontecer se perderá o interesse dos ouvintes.

5. Deve ser feito dentro da própria capacidade do pregador, e ao estilo do sermão. 6. Deve ser solene: Não pode ser displicente, gaguejada, a impressão é negativa para quem ouve.

II. Fontes da introdução

1. O texto

2. O contexto

3. O tema

4. As circunstâncias

5. Fatos históricos ou ilustrações Divisão ou corpo do sermão Características da divisão

1. Deve ser lógica

2. Deve visar a unidade do sermão

3. Deve estar relacionada com o texto ou com o tema

4. Um ponto principal não deve ser repetido Quantidade de pontos ou divisões

1. O corpo do sermão pode ser dividido em tantos pontos quantos necessários

2. Deve- se, entretanto, evitar as divisões abundantes

3. O sermão ideal e lógico é o de três pontos, como já por repetidas vezes temos ensinado.

Argumentos Nem sempre a prédica deve ser uma declaração dogmática da verdade evangélica. As vezes o pregador precisa de provar as doutrinas que prega.

E a razão disso é que nem todos os ouvintes aceitam as declarações doutrinárias do pregador como verdades já provadas e infalíveis. Daí a necessidade de robustecer a pregação por meio de argumentos lógicos e seguros que não deixam dúvidas. Há muitas variedades de argumentos. Entretanto, mencionaremos somente os que mais frequentemente são usados no púlpito. São eles:

I. Argumento a priori consiste este argumento em partir das causas e dos princípios gerais para descer aos efeitos e as consequências finais.

Dás-lhe também o nome de dedução, ou argumento da causa para o efeito, do geral para o particular. Conhecendo uma causa, um princípio ou uma lei geral, podemos logicamente inferir ou deduzir os efeitos que ele produz. Examinaremos alguns efeitos deste argumento:

1. Tudo que o homem semear, isto também ele ceifará. Causa, ou princípio geral: A semente ou ação; efeito ou princípio particular: a ceifa ou o resultado da ação.

2. Toda alma que pecar, essa morrerá. Causa ou princípio geral: O pecado; efeito ou princípio particular: A morte

3. No princípio criou Deus os céus e a Terra. Causa o princípio geral: Deus, efeito ou princípio particular: a Terra e o céu.

4. Todo aquele que crer no Filho tem a vida eterna. Causa ou princípio geral: Fé em Jesus; efeito ou princípio particular: Vida eterna.

5. Deus é amor. Se Deus é amor, logo é bom, misericordioso, compassivo, justo, etc; hora, se ele tem estes atributos, logo pode amar o homem; se pode amar o homem, logo pode também salvá-lo. II. Argumento a posterior consiste este argumento em partir dos efeitos, das consequências, ou dos princípios particulares para subir as causas, princípios, ou leis gerais. Chama - se, também, a este argumento indução, ou do efeito para a

causa, do particular para o geral. Exemplos deste argumento: 1. Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos...Efeito, consequência ou princípio particular: Os céus, as obras de Deus, causa, ou princípio geral: a glória de Deus ou Deus mesmo. 2. Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste, que é o homem mortal para que te lembres dele, e o filho do homem para que o visites (Sl 8:3- 4).

Efeito, ou princípio particular, ou consequência. Os teus céus a lua e as estrelas: causa, ou princípio geral: Deus. 3. Porquanto o que de Deus se pode conhecer, nele se manifesta, porque Deus lhe manifestou. Porque as coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu poder eterno, como a sua divindade, se entende e claramente se vê pelas coisas que estão criadas (Rm 1:20). Efeito ou consequência: as coisas criadas; causa, ou princípio geral: as suas coisas invisíveis, o seu eterno poder, a sua divindade.

III. ARGUMENTO DO TESTEMUNHO

Consiste este argumento na importância dos depoimentos tanto de amigos como de inimigos a favor do evangelho ou de verdades cristãs. No argumento do testemunho temos a considerar três elementos indispensáveis:

1. O caráter das testemunhas É mister que as testemunhas sejam pessoas verazes, que tenham realmente visto ou observado os fatos e que tenham também suficiente inteligência para compará-los, analisá-los e distingui-los de fenômenos semelhantes, porém falsos.

Em se tratando, por exemplo, da ressurreição de Jesus o caráter das testemunhas oculares desse fato miraculoso não pode ser posto em dúvida, visto serem elas reconhecidas, mesmo pelos inimigos, como dignas e de boa reputação.

2. O número das testemunhas Com certeza que, tanto mais numerosas forem as testemunhas que depuserem sobre fatos e verdades por elas vistos, observados e sentidos, quanto maior terá o seu depoimento. Mais de 500 pessoas, além dos apóstolos, viram e ouviram a Jesus ressuscitado (I Co 15:1 - 8). Porem em dúvida tal testemunho, é rejeitar as evidências dos fatos por mera atitude intelectual negativista.

3. A natureza dos fatos

Há certos fatos mais difíceis de provar que outros, em virtude de sua natureza. Tais são os milagres. Em se tratando, porém, dos que surgem nas seguintes premissas: Na divina inspiração das Escrituras, na divindade de Jesus Cristo e na veracidade do cristianismo. Admitidas essas premissas, os milagres narrados no N.T. como no V.T são perfeitamente admissíveis como fenômenos sobrenaturais. De fato, s e Deus pôde criar o mundo e as leis que o regem, segundo a sua vontade, como não terá poder para intervir nesse mesmo mundo sobrenaturalmente, ou através de leis naturais por nós desconhecidas?

Argumento analógico Analogia significa, primariamente, proporção. Consequentemente, analogia não significa semelhança real entre as coisas comparadas, mas semelhança ou correspondências comparadas entre relações de objetos comparados. Vejamos alguns exemplos de argumento analógico.

1. Jesus é o cabeça da igreja. Tiago era uma coluna da igreja primitiva. A igreja é o corpo de Cristo. O crente é o templo de Deus.

2. O campo é o mundo. A boa semente são os filhos do reino (Mt 13:38).

O reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar (Mt 13:5). O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido no campo (Mt 13:44). Eu sou a porta (Jo 10:9).

Eu sou o caminho, a verdade e a vida (Jo 14:6). Isto é o meu corpo que é dado por vós (Lc 22:19). Este cálice é o novo testamento em meu sangue (Lc 22:20).

3. A casa do botão. O pé da mesa. A cabeça do grupo. Brasília é o cérebro do Brasil. São Paulo é a oficina de trabalho do Brasil. Ruy Barbosa é a águia de Haya. João é o meu braço direito. Antônio é a alma do movimento.

O DILEMA

Este argumento consiste em um silogismo duplo contendo uma única conclusão. O adversário é colocado entre duas alternativas, mas, para qualquer que se incline enfrentará a mesma conclusão. Tal o argumento de que Gamaliel lançou mão evitar que os apóstolos fossem perseguidos pelo Sinédrio. 1. Dai de mão a esses homens, e deixai-os, porque, se este conselho ou esta obra é de homem se desfará, mas se é de Deus não podereis desfazê -la; para que não aconteça serdes também achados combatendo contra Deus (At 5:38). 2. Dilema é também o que Jesus propô s aos fariseus quando estes lhe perguntaram com que autoridade curava e ensinava, visto que o Sinédrio não lhe havia dado. Foi assim que Jesus respondeu: Eu também vos

perguntarei uma coisa; se me disserdes, eu também vos digo com que autoridade faço isto. O batismo de João de onde era? Do céu ou dos homens? E pensavam entre si: Se dissermos do céu, ele nos dirá: então por que não Homilética 24 crestes? E, se dissermos dos homens, tememos o povo, porque todos consideravam João como profeta (Mt 23:26). Ordem dos argumentos

1. É conveniente e mesmo prudente que o pregador não apresente nenhum argumento fraco. Deve começar com um argumento forte, seguindo - se o mais forte e concluindo com o fortíssimo.

2. Uma polêmica é também prudente e boa, e não apresentar de uma só vez os argumentos de que se dispõe, porque, pode acontecer que, terminados ele, o inimigo caia sobre o orador com argumentos novos.

E, para contra atacá-lo, ou tem que repetir os argumentos já usados ou ficar calado e, portanto, vencido. Devemos deixar sempre argumentos de reserva para esmagar o inimigo logo que ele tente levantar outra vez a cabeça.

3. Os argumentos tirados das Escrituras devem ser apresentados em primeiro lugar. Se foram decisivos, suficiente e irrefutáveis, não há necessidade de argumentos filosóficos ou científicos. Caso contrário o orador lançará mão dos demais argumentos. Materiais específicos

1. O que é ilustração?

Ilustrar vem do latim ilustrare, e significa iluminar, esclarecer, tornar evidente, claro.

A ilustração, portanto, é um elemento retórico mediante o qual a verdade se destaca e se torna mais evidente, mais clara e inconfundível através do enredo do discurso.

2. O valor da ilustração

É indiscutível a importância ou o valor da ilustração na oratória sacra. Um sermão ilustrado com história ou fatos selecionados é sempre bem ouvido e apreciado. Assim, vejamos em que consiste a importância ou o valor da ilustração.

3. A ilustração atrai a atenção

A ilustração quebra a monotonia do sermão. A ilustração aparece como uma novidade q ue acena à distância e a empolga com o colorido da descrição e os lances, emotivos da narração. Desse modo a atenção cansada se refaz a alcança mais facilmente o objetivo da prédica.

4. Ela grava rapidamente a mensagem

Ela grava mais rapidamente nos corações e mentes dos ouvintes a divina verdade.

Nem sempre a exposição do pregador é suficientemente penetrante para levar ao âmago dos corações que dela necessitem.

A ilustração adequada tem muitas vezes esse poder e essa facilidade. Guthrie, grande pregador do quilate de Spurgeon, disse a respeito da ilustração: A ilustração ou a história, como um salva-vidas, evita o naufrágio da verdade; como um estilete, grava- a na mente dos ouvintes; como as penas de uma sete, torna- a certeira ao seu alvo; e como a farpa, fixa- a bem dentro do coração.

Os recursos homiléticos aqui representados são usados consciente ou inconscientemente pela maioria dos pregadores grande parte do tempo. Eles passam a ser imensamente mais úteis, se reconhecidos e compreendidos.
São igualmente úteis no desenvolvimento nos seus pontos principais; e ajudam a responder a conhecida pergunta: Como coloco carne sobre os ossos do meu esboço? Recursos homiléticos

1. Os seis processos retóricos

a) Narração A introdução do sermão consiste primeiramente da narração (ou afirmação) de fatos bíblicos ou substrato histórico, ou circunstâncias comuns relacionando uns aos outros, o orador, os ouvintes, a ocasião, o assunto e a tese.

b) Interpretação Esta pode ter seguimento a título de paráfrase, definição, ampliação ou descrição (comparação, contraste, associação).

Um procedimento adicional poderia se com as sete interrogações. Ou, o desenvolvimento poderia ser pela análise da preposição ou de qualquer dos pontos principais, em lógica progressão (causa par a efeito, concreto, para abstrato, geral específico, conhecido para desconhecido – ou vice-versa). Ainda outro desenvolvimento poderia ser por progressão cronológica, ou de acordo com lugares ou pessoas.

c) Ilustração Aqui todas as fontes de material para a pregação, previamente discutidas, entram em jogo. Nesse ponto o pregador será grato aos materiais acumulados que ele juntou papéis avulsos para uso imediato.

d) Aplicação Muitas vezes a verdade pode ser aplicada mais eficientemente ao ouvinte por insinu ação do que por afirmação direta. Muitas vezes uma ilustração bem escolhida é o meio mais eficaz. A aplicação pode envolver o ouvinte conforme o sermão avança, ou pode ser retida até a conclusão.

e) Argumentação Usar argumentação não significa tornar- se polêmico ou exibir espírito contencioso. Em geral, os ouvintes são razoáveis e mais ou menos inclinados a seguir uma apresentação lógica. Assim, há lugar para arrazoados, com espírito benévolo, e para refutação, introdução de provas, corroboração pelo testemunho doutras fontes.

f) Exortação Qualquer que seja a exortação que possa ter havido durante o transcurso do sermão, a conclusão deve conduzir a mensagem a um ponto focal e convidar o ouvinte a algum tipo de resposta. A formulação e a

transmissão da conclusão desafiam o pregador ao seu máximo em elegância, tato e bom gosto. Ele está falando por um veredicto, e a prova do seu sermão é a reação que o pregador obtém da pessoa que está no auditório (Is 53:1). As sete interrogativas 1) Quem? Introduzindo uma sequência de pessoas para serem enumeradas, identificadas, classificadas ou incluídas na aplicação de algum princípio, ou quem, emparelhando com uma das proposições: A, de origem, para contra, por, com, através, em sob, detrás, de (progressivo), antes, de pois.

2) Que? Qual? Introduzindo uma sequência de coisas, escolhas ou alternativas. 3) O que? Introduzindo uma sequência de significados, implicações, definições, particularidades, características, inclusões, ou exclusões, ou o que? (o qual a qual), ao lado de uma das proposições acima.

4) Porque? Introduzindo uma sequência de razões ou objetivos.

5) Quando? Introduzindo uma sequência de tempos, frase ou condições.

6) Onde? Introduzindo uma sequência de lugares, ou donde? (lugar, origem, fonte, causa?), ou aonde? Para onde? (lugar, meta, resultado, extensão, conclusão?).

7) Como? Introduzindo uma sequência de modos e meios. Como escrever a composição de esboço e anotações uma folha avulsa de um livro de anotações de 12 por 17 cm muitas vezes se distingue como primeira escolha. Tal livro de anotações é quase do tamanho de um Bíblia comum, e uma folha se adaptará facilmente entre as páginas da Bíblia.

Escrevendo nos dois lados, é possível levar um esboço completo de sermão nos dois lados de uma folha; o u poderá ser levado num lado de duas folhas opostas do livro de anotações. Isto pressupõe concisão e abreviaturas, onde possível. Alguns pregadores muito bem sucedidos preferem usar uma folha tamanho carta (cerca de 20 x 26 dobrada no meio para formar qua tro páginas, assim feita para caber convenientemente na Bíblia. O esboço é escrito (à mão) nas duas páginas interiores, uma frente à outras, deixando - se em branca a primeira das quatro páginas.

Exemplo

Título _____
Texto_____
Introdução_____
1._____
2._____
Primeira divisão_____
Discussão
Segunda
divisão_____
Discussão
Conclusão_____
_____

Vantagens de pregar sem anotações um exame da literatura homilética revela, ao lado de uma infinita variedade de conceitos e métodos, que em geral há razoável acordo em dois pontos.

Primeiro, há acordo em que cada ministro precisa achar pessoalmente o método que melhor o habilite a conseguir essa liberdade das anotações no púlpito. Não

há dúvidas que em nossa própria experiência tem se comprovado da eficiência de pregação sem anotações, embora se pode admitir a existência de um verdadeiro mito com respeito às anotações. Exemplo da antiguidade O eloquente Cícero (106 -43), que cativou Roma com sua eloquência oratória, tinha fortes convicções sobre o encarar o auditório sem o entrave de um manuscrito.

Ele teve treinamento completo em leis e oratória; e sua categoria como maior orador da Roma antiga, e um de seus ilustres estadistas e eruditos, qualificava -o como autoridade. Ele declarou: Na elocução, em seguida à voz quanto à eficácia, vem a fisionomia; e esta é dominado pelos olhos. O poder de expressão do olhar humano é tão grande que, de certa maneira, ele determina a expressão do semblante todo. Dizem que alguns oradores antigos tinham memória tão disciplinada que às vezes dispensavam as anotações até na preparação de suas mensagens.

Assim Quintiliano, o retórico romano, que teve uma carreira notável como professor de eloquência (35-97 d.C.). Andrew W. Blackwood lembra-nos que a

pregação sem anotações foi o método de Jesus, dos profetas e dos apóstolos que, quando pregavam, falavam de coração a coração e de olhos a olhos.

Na sinagoga de Nazaré, quando Jesus abriu o livro e começou a falar, todos tinham os olhos fixos nele (Lc 4:17- 21).

Quão impróprio seria que Jesus tivesse os seus olhos presos nas anotações.

Comportamento ético do pregador Maus hábitos O pregador deve se apresentar no púlpito com uma boa compostura, evitando os maus hábitos. Alguns pregam com as mãos enfiadas nos bolsos. Outros ficam o tempo todo olhando para o teto ou para a parede. Alguns ficam eretos o tempo inteiro, sem se mover, como se fossem alguma múmia.

Ao ser convidado para orar após a pregação de um determinado pregador, quase vomitei, porque tive que usar um microfone todo babado que dava nojo só em olhar. É sempre bom o pregador evitar coçar lugares

indecentes durante sua dialética, ou até mesmo enquanto está sentado no púlpito.

A estética

Na oratória, a estética é algo de extrema beleza.

A prega dor não deve ficar imóvel como se fosse uma estátua, mas também não deve se movimentar tanto, ao ponto de parecer- se com um palhaço. O uso das mãos O uso das mãos é muito importante para o pregador quando feito corretamente. Ao movimentar as mãos, estas nunca devem subir frequentemente acima dos olhas.

O pregador não deve esmurrar o púlpito, e nem tão pouco bater palmas com frequência, nem dar pontapés. Já pensou Moisés esmurrando e dando pontapés na arca ou no propiciatório? O estilo O certo é que cada pregador desenvolva o seu próprio estilo.

Há determinados pregadores que desenvolvem mais de um estilo, o que é recomendável a todos os pregadores, mas nem todos têm esta capacidade. Se criar o seu

próprio estilo já é difícil, imagine criar mais de um estilo. É sempre bom o pregador usar um estilo que se adapta a cada tipo de culto.

Por exemplo, num culto de ensino (doutrina), o pregador deve usar um tipo de estilo didático. Já num culto de avivamento, o pregador deve usar um estilo fervoroso, a fim de envolver todo o auditório no campo magnético do seu verbo inspirado. Imitação Quase todo pregador, senão todos, começa imitando outro. Se um pregador imita outro, significa que ele tem admiração por tal pregador, porque ninguém imita quem não lhe é simpático.

O que não é certo é um pregador viver a vida toda imitando outro. Assim como cada um recebe diretamente de Deus uma mensagem inspirada, também deve cada um pregar essa mensagem com um estilo próprio. O pregador não deve ser como papagaio, que vive repetindo o que ouviu dos outros. Repetição de mensagem

Tenho ouvido muitos pastores criticar pregador que repete mensagem, denominando tais mensagem de

comida enlatada ou requentada, como se mensagem fosse algo descartável. Comida requentada só não presta quando é requentada pelos homens, mas se for requentada na cozinha do céu, é tão boa como qualquer outra.

Ah, como eu gostaria ouvir novamente determinados pregadores repetir novamente algumas mensagens que já ouvi. O pregador não deve repetir a mesma mensagem na mesma igreja, mas, em outras, ele pode repetir o tanto quanto quiser e ela fará o mesmo efeito. Até porque, quanto mais o pregador prega a mesma mensagem, mais ele aprende sobre ela. Billy Graham (considerado o maior pregador do mundo) declarou que só prega uma mensagem para um grande auditório depois de a ter pregado outras vezes para pequenos auditórios.

Ao terminar de pregar uma mensagem, um certo cantor que ali estava cantando, me disse no final do culto: O senhor prega mensagem repetida? Ao que eu lhe respondi: Sim. Logo após eu lhe fiz uma pergunta: Você considera os seus hinos uma mensagem? Ao que ele me respondeu: Sim! E eu lhe perguntei, se você

considera os seus hinos como sendo mensagem de Deus para o povo, e repete os mesmos hinos na mesma igreja, por que eu não posso repetir a mesma mensagem em igrejas diferentes? E ele ficou mudo.

Consenso dos observadores modernos A pregação sem uso de anotações tem sido vigorosamente defendida por escritores da nossa geração, bem como por escritor es do século passado. Praticamente todos os professores de oratória pública recomendam a alocução livre, sem anotações. Gilman Aly e Reide, em seu excelente livro didático, fundamentals of speaking, declaram:

Os únicos oradores aos que se deveria permitir o uso de anotações são os que não precisam delas. G. Cambell Morgan (1863 - 1942), talvez o maior expositor bíblico dos tempos modernos sempre falava espontaneamente. Charles II Spurgeon (1834 -1892) geralmente reconhecido como um dos grandes pregadores de to dos os tempos, pregava extemporaneamente, exceto quanto a cerca de meia página de notas que usava muito pouco. George W. Truett (1867 -1944), não superado como pastor evangelista em sua geração, pregava com tremendo poder, sempre sem anotações.

Por aproximadamente quarenta e cinco anos ele serviu como pastor da primeira igreja batista de Dallas Texas, que ele edificou, partindo de uma pequena problemática congregação, chegando a um rol de aproximadamente 9.000 membros, fazendo dela a maior igreja de batistas do mundo.

Durante a Segunda metade do seu ministério, ele ficava ausente do seu púlpito cerca de metade do tempo, ele pertencia ao mundo, mas o impacto espiritual do seu ministério manteve a vida da igreja em vigoroso impulso até o fim
Os que o ouviram dificilmente poderiam imaginá-lo pregando doutro modo que sem anotações.

Nesta argumentação a favor da pregação sem anotações, não queremos desestimular os novos pregadores, mas deve - se considerar que as anotações de que se falou acima, trata - se de sermões quase completo. Isto não vem tirar o mérito do esforço na composição dos esboços, conforme os pontos teóricos já amplamente discutidos.

A pregação sem anotações só acontecerá na vida de um pregador após muita experiência e constante estudo da Bíblia e da Teologia sistemática.

Este tipo de pregação nada tem a ver com os pregadores de última hora, tanto é que a igreja e os crentes já conhecem quando tal pessoa inicia sua fala; tal discurso é como café requentado. São aqueles pregadores que pregam sempre a mesma coisa; a maioria deles se ocupam falando somente de costumes, tanto que ao iniciar a sua pregação, a igreja já sabe o que ele vai pregar. E quando começa uma mensagem nova, sempre termina com o velho e tradicional costume, fazendo convergir tudo o que fala de novo para as antigas tradições.

O que é fundamental para o vigor sempre renovado no púlpito é a exigência de que o pregador seja ele mesmo, e não um imitador de outros. Deixado por sua própria conta, nem sequer dois pregadores desenvolverão o mesmo sermão sobre dado texto, porque não há dois pregadores que tenham as mesmas qualidades intelectuais ou mesmo lastro de experiência individual. Num Sábado frio, chuvoso e sombrio, certo pastor ficou

trabalhando no seu sermão desde o café da manhã ao meio dia, com pouco que mostrar do trabalho da manhã. Impaciente, depôs a pena e ficou ali sentado, olhando desconsoladamente pela janela, aborrecido consigo mesmo por lhe ocorrerem tão vagarosamente os seus sermões.

Então relampejou em sua mente um pensamento que havia de ter profundo efeito em seu ministério posterior. Os seus ouvintes gastarão mais tempo do que você com este sermão. Eles virão de uma centena de lares; somando tudo, viajarão mais de mil quilômetros para estarem no culto; passarão trezentas horas participando do culto e ouvindo o seu sermão. Não se queixe das horas que está gastando para prepará-lo; o seu rebanho merece tudo o que você puder dar-lhe!

O perigo do sucesso Há nas atividades externa, quando associadas da realidade interna, dois gravíssimos perigos:

1° - Essas atividades facilmente embalam seu autor numa falsa segurança, criando nele uma complacente auto - suficiência em face dos resultados colhidos,

impendendo -o de passar para além daquilo que já realizou, ou julgar ter realizado.

Essa suave autoilusão e complacente suficiência são o maior desastre espiritual para o homem externamente ativo e internamente passivo, porque o fazem entrar numa zona de estagnação espiritual.

Ai do pregador plenamente satisfeito com seus trabalhos externos! O único fator que pode preludiar a sua redenção é uma profunda insatisfação consigo mesmo, sempre se julgando um devedor no seu ministério. Incomparavelmente mais importante que os mais gloriosos trabalhos no plano horizontal é a intensificação do ser vertical. Pouco vale o fazer, o dizer e o ter no mundo dos objetos quantitativos, se no mundo do sujeito qualitativo não existir um profundo ser.

2°- O segundo perigo está em que esse homem exteriorizado julgue influir sobre seus semelhantes com o que prega e diz – quando é impossível promover a verdadeira conversão de outrem se eu mesmo não sou um genuíno e autêntico convertido, isto é, que pode

influir sobre o ser de outros, mas o meu ser é fraco, não poderá dar força aos fracos.

Só um poderoso positivo é que pode atuar sobre os negativos em derredor; se eu mesmo não for 100% positivo, por uma intensa e profunda experiência com Deus, não poderei exercer influência real sobre os outros, igualmente negativos. Podem os meus ouvintes e leitores admirar-me, sim, e aplaudir-me, mas não se sentirão com força para abandonar o mundo noturno das suas misérias morais e entrar no mundo diurno da virtude e santidade, porque não veem esse mundo concretizado em minha pessoa.

E mesmo no caso favorável que julgassem esse mundo divino realizado em mim, não se converteriam realmente a Deus, pois não são as aparências que atuam, mas sim a realidade, realidade essa que, nesse caso, estaria ausente de mim. Posso, sim, dizer mil vezes, com grande eloquência, que esse mundo do espírito é grandioso e belo, e os meus ouvintes ou leitores, na melhor das hipóteses, crerão nas minhas palavras – mas do crer ao ser vai distância enorme. Crer é uma teoria longínqua e vaga – ser é uma realidade propínqua

e forte. É dificílima a transição do crer para o ser, e se ninguém vir esse ser concretizado numa pessoa humana, dificilmente passará a entrar o seu longínquo crer num propínquo ser, isto é, não se converterá porque não me vê convertido.

O convertido é aquele que pode, em verdade, dizer: Já não sou eu que vivo, mas Cristo vive em mim.

As minhas palavras de não convertido eloquente, possivelmente, darão muita luz aos ouvintes ou leitores, mas falta força, que não vem das palavras, mas da realidade espiritual do indivíduo humano. Pode ser q ue um homem tenha a missão de pregar às multidões, escrever livros ou exercer outro trabalho social qualquer, e deve cumprir sua missão do melhor modo possível. Mas aí dele se vir nessas atividades a principal tarefa da sua vida. Há outra coisa, infinitamente mais importante do que qualquer trabalho externo – é o próprio homem, a sua realização crítica, para o qual aqueles trabalhos estão como um meio para um fim.

Atividades externas nunca devem ser outra coisa a não ser um como que transbordamento espontâneo de uma realidade interior.

Se essa plenitude não existe o que pode transbordar? Alguma vacuidade camuflada em plenitude, isto é, uma grande mentira apresentada como sendo verdade? ...fogo pintado não dá luz nem calor, ao passo que a menor parcela de fogo real pode atear incêndio e iluminar mundos inteiros. Pouco importa o que o homem diga, faça ou tenha – o que importa é o que ele é.

O que ele é refere - se à qualidade do seu íntimo “eu”, o que ele diz, faz, ou tem, refere - se às quantidades do seu ser externo. Referem- se aos atos dos apóstolos que, quando os chefes espirituais da primeira igreja cristã perceberam que se iam dispersando em atividades externas e trabalhos sociais de organização, disseram:

Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas. Escolhei irmãos dentre vós, sete homens, de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre esse

importante negócio. Mas nós perseveraremos no ministério da oração e da palavra (At 6:2 - 4).

Sabiam esses discípulos de Cristo que o fator decisivo, em qualquer trabalho de caráter espiritual, é a espiritualidade de quem preside a esse trabalho, aquilo que ele é no seu íntimo ser, e não aquilo que ele realiza ou organiza no plano externo.

A caridade social realiza grandes obras – mas só o amor espiritual realiza o homem. O discurso filosófico de Paulo No capítulo 17 do livro dos atos dos apóstolos, deixou Lucas um ligeiro esboço da pregação do apóstolo Paulo proferida no arcópago de Atenas.

Um esboço apenas, mas que bem faz adivinhar uma psicologia magistral. Vamos tentar reconstruir a dialética do grande apóstolo: Atenienses, estou a ver que sob todos os respeitos sois de uma grande religiosidade. Tanto assim que, perambulando pelos arredores e contemplando os vossos santuários, deparei-me um altar com esta inscrição:

As Deus desconhecido. Ora, o que cultuais sem o conhecer, isto é o que vos venho anunciar. O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, o Senhor do céu e da Terra não habita em templos fabricados por mãos humanas, nem é servido por mãos de homens, como se de alguma coisa houvesse mister: pois é ele que a todos dá a vida, a respiração e tudo mais. De um só homem fez proceder todo o gênero humano, para habitar sobre toda a face da terra; marchou-lhes a ordem dos tempos e os limites da sua habitação; quis que procurássemos a Deus e as apalpadelas o achassem, a ele, que não está longe de cada um de nós. Pois nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser. A propósito, disseram também alguns dos vossos poetas: somos sua geração.

Se, portanto, somos da geração divina, não devemos pensar que a divindade seja semelhante ao ouro, à pedra, à prata, obras de arte ou indústria humana. Deus, porém, não levando em conta os tempos em que era desconhecido, faz agora saber a todos os homens que por toda a parte se convertam, porque determinou um dia que há de julgar o mundo conforme a justiça, por meio do varão a quem legitimou aos olhos de todos, ressuscitando -o dos mortos.

Por este resumo, se vê que o discurso do apóstolo deve ter sido uma verdadeira peça de oratória, admiravelmente adaptada ao ambiente, com perfil colorido local dumaticismo de clássica beleza. Reconstruindo o episódio e enquadrando -o na mentalidade hodierna, resulta mais ou menos dá se guine forma: Com elegância genuinamente ateniense dirige - se o presidente do Areópago a Paulo e, com um complacente sorriso nos lábios e uma graciosa vênia na atitude, lhe diz: É permitido saber que nova doutrina é essa que vens pregando? Pois fala-nos de coisas bens singulares...desejaríamos saber o que vem a ser isto... Quantas palavras supérfluas...que exuberante fraseologia!...

Assim só fala um indolente citadino ateniense que passa o dia “contando e ouvindo novidades”, como diz o historiador. O orador (Paulo), acompanhado do presidente, sobe à tribuna de mármore branco. Corre um olhar pelo auditório silencioso e principia por uma esplêndida capacidade. A princípio, frisa a índole religiosa do povo ateniense. Entretanto, o termo por ele escolhido (deisidaimonesteros) pode ao mesmo tempo significar religioso, como o empregava Xenofonte e

Aristóteles, e também supersticioso, como se encontra em escritos mais recentes. De maneira que o auditório ficou na dúvida se censurava a mórbida denomania de largas camadas populares. Subiu de ponto a atenção do auditório quanto ao orador anunciou enfaticamente que ia desvendar o enigma do deus desconhecido, que eles veneravam:

Vós me acusais de arauto de deuses estrangeiros, de introduzir em Atenas divindades exóticas. Estais enganados, meus ouvintes. Encontrei nos meus passeios pela vossa capital um altar com a legenda: Agnostô Theô (deus desconhecido). Esse deus ignoto é vosso, embora anônimo. Cultuais o que ignorais. E, até certo ponto, tendes razão, porque o Deus verdadeiro é o grande desconhecido, o eterno misterioso, necessariamente invisível. Entretanto, esse Deus misterioso em sua transcendência é reconhecido em sua imanência, em suas obras, que é o mundo, a natureza, o céu, a Terra, o mar, o Universo, o cosmos. Pois o que de Deus se pode conhecer, bem o conhecem os pagãos; Deus lhe manifestou. Com efeito, desde a criação do mundo, pode a inteligência contemplar visivelmente nas obras o ser invisível: seu eterno poder

como a sua divindade (Rm 1:20). Atenienses! Falo aos cidadãos duma cidade que produziu um Platão, que vos provou a existência de um Ser supremo. Os vossos grandes pensadores escreveram obras magníficas sobre a existência e os atributos de um Nume invisível que governa o cosmos e preside aos destinos da humanidade.

Assim, mais ou menos, deve ter dissertado Paulo. Admirável essa tática! Quando fala aos israelitas, apela para a palavra do Deus revelador, transmitida pelos patriarcas e profetas, mas quando fala aos gentios, que de revelação verbal nada sabiam, invoca a obra do Deus criador, desdobrada qual livro imenso, aos olhos de todo o homem que tenha olhos para ver.

Esse Deus, prosseguiu o orador (Paulo), não vive encerrado na estreita clausura dos vossos templos, mas enche todos os espaços do Universo. Dele não temos imagem exata, porque Deus é puro espírito.

Nem ouro nem prata o representa dignamente. Os verdadeiros adoradores de Deus o adoram em espírito e em verdade. Para proferir tamanhas impiedades em

face dum auditório idólatra e fetichista, que identificavam a divindade com os seus símbolos de mármore, bronze e marfim, era mister grande coragem da parte do orador (Paulo) e não menor tolerância da parte dos ouvintes.

Predominava, sem dúvida, no auditório, o elemento dos filósofos céticos, por sinal que não protestaram contra as irreverências do forasteiro (Paulo) nem reivindicavam a honra das excelsas divindades nacionais: Palas Atenes, toda de ouro e marfim; Plutão, Mercúrio, Géia, as Erenias, cujas estátuas se erguiam a poucos passos de distância, no topo da aerópole. Continua o orador (Paulo) servindo - se propositadamente da terminologia usada pelos escritores profanos da época, politeístas e panteístas, sem contudo lhes perfilhar a ideologia.

Para demonstrar que Deus não tem necessidade alguma do que os homens lhe possam fornecer, mas que os homens é quem têm necessidade de Deus.

Vós, panteístas, afirmais que o Universo é Deus. Outros julgam que Deus habita para além das nuvens e entregou o mundo a uma cega fatalidade. Ilusão funesta! Deus tem um plano a que toda humanidade

obedece, mesmo inconsciente. De um só casal descende o gênero humano. Não há um deus nacional, um deus deste ou daquele povo. Deus é essencialmente universal, supracanal, um só para todos os tempos e todas as nações do mundo. Deus, embora transcendente, é também imanente em todas as suas obras, pois é nele que vivemos, nos movemos e temos o nosso próprio ser.

O destino do homem não se limita a gozar uns poucos anos após a vida terrestre. Dormita em cada homem uma centelha da divindade, e essa fagulha divina deve um dia voltar ao grande foco donde partiu. De Deus provém o homem, sopro do Criador, e a Deus deve o homem voltar. Ele é a imagem e semelhança de Deus.

Por isso, durante esta vida mortal, devemos procurar a Deus, ainda que por entre penumbras e enigmas, às apalpadelas. Podemos adivinhá-lo e entrevê -lo na obra da natureza, como o reconheceram os vossos expoentes intelectuais; Homero, Píndaro, que procuraram o Nume supremos nos arcanos dos mitos; os vossos artistas: Fídias, Praxíteles, que o vislumbraram nas leis da beleza e da harmonia; o vosso

Aristóteles, que encontrou Deus nos trâmites da causa e do efeito; o vosso sublime Pitágoras, que instituiu a suprema realidade no mistério dos números e da música; o vosso heroico Sócrates, que descobre a divindade no imperativo categórico da ética e do dever; o vosso divo Platão, que o viu nos anseios do bem supremo.

Entretanto, tudo isto não passa de figuras e símbolos da divindade. Não é ela mesma, a misteriosa, a intangível essência divina. Para atingir a Deus é necessário ultrapassar os horizontes dos sentidos e o intelecto. Vivemos, movemo-nos, existimos dentro da divindade. Somos de estirpe divina, como muito bem disse o vosso poeta Aratus.

Se naquele tempo vigor costumes iguais aos de hoje, é certo que, nesta altura, soaram pelo Areópago vibrantes apoiado. Muito bem! E estrugiu uma salva de palmas pelas fileiras dos panteístas e dos monistas. Afinal de contas, aquele tagarela (como a princípio chamavam Paulo) não era tão ignorante como a princípio parecia. Possuía mesmo respeitável cabedal de cultura clássica. Do fato de sermos de estirpe divina, afirma infere o

orador que a ordem ética deve harmonizar com a ordem categórica, ou seja, devemos pautar a nossa vida prática pelos ditames da nossa fé, de conformidade com a nossa origem divina.

Não pode vigorar antagonismo entre o ser e o fazer, entre a ordem real e a ordem moral. Até aqui se mantinha Paulo com muita elegância, em terreno puramente filosófico; até aqui o escutara, interessado e atento, o variado auditório.

Era, porém, chegado o momento de estalar o lindo cristal. Aconteceu ao doutor da lei o que só acontece aos pregadores cristãos de todos os séculos e países.

No momento em que das serenas alturas da teoria descem ao campo de batalha da prática – adeus popularidade. Lá se foi o encanto. O mais inteligente orador do mundo, assim que exija dos seus ouvintes algum sacrifício pessoal, perdeu o seu intelectualismo e passa a ser considerado como um medíocre e vulgar missionário ou um mero tagarela, quando não fanático, um retrógrado, um espírito sectário.

Se Deus enviasse ao mundo o mais genial dos seus serafins ou o mais eloquente dos arcanjos e se esses espíritos exigissem do auditório que mortificasse as suas paixões, praticasse humildade e proclamasse a soberania do espírito sobre a tirania dos instintos carnais – é fora de dúvida que essas preclaras inteligências seriam acoimadas de retrógradas, intolerantes, obscurantistas.

É que o coração tem razões de que a razão nada sabe. Depois daquelas exposições filosóficas, lançou Paulo rapidamente ao meio do auditório quatro pensamentos, que não conseguiu terminar:

1- Taxa de ignorantes aos que não conhecem e servem a Deus;

2- Exige sincera conversão do erro para a verdade, do vício para a virtude;

3- Fala do juízo final; 4- Menciona a ressurreição dentre os mortos. Quando Paulo os acusou de obscurantismo o período pagão dos povos, inclusive a Grécia com todas as luzes da sua ciência e arte, começaram os ouvintes a

murmurar, descontentes. Quando exigiu conversão, levantaram - se alguns deles e saíram. E quando começou a discorrer sobre o juízo universal a que teriam de comparecer todos os homens, para prestar contas da sua vida, rompeu o auditório em Franca risada, e os que tinham alcunhado a Paulo de cata - sementes e comediante, apelara para a sua intuição psicológica, graças à qual tinham adivinhado, desde o princípio, no adventício um pobre palhaço e rotineiro narrador de fábulas pueris.

O presidente da assembleia sentia- se um tanto vexado em face desse ruidoso fiasco. Entretanto, como bom ateniense, não podia deixar de ser cavalheiro, correto e bem educado; foi ter com Paulo, apertou-lhe a mão e, com o mais amável dos sorrisos, lhe disse: Parabéns...muito interessante...sobre este ponto desejaríamos ouvir-te em outra ocasião... De fato, está claro, não o desejava ouvir discorrer nunca mais sobre ponto algum.

Mas, é sempre mais delicado consolar o derrotado com perspectiva de uma outra ocasião do que proibir-lhe redondamente uma nova ascensão à tribuna.

Paulo, é certo, não deixou de perceber a sutil ironia que ia nessas palavras.

Mais que uma descompostura em regra, dói um sarcasmo velado com requintes de amabilidade. Paulo desceu do Areópago sem ter proferido sequer o nome de Jesus, sem ter lançado ao espaço noturno de Atenas o nome adorável que lhe ardia na alma e que lhe valia mais do que toda filosofia da Grécia e do mundo inteiro. Com sentimento de amarga decepção retirou - se para a sua modesta hospedaria, absorto em cogitações.

Não teria sido melhor silenciar, por ora, as verdades características do evangelho? Não fora mais prudente contar por extenso a vida do nazareno, antes de lembrar os horrores da sua morte e o mistério da sua ressurreição? Mas o amor não calcula, ama simplesmente. Paulo, desde que saíra de Beréia, andava com a alma tão repleta de Cristo...E a longa solidão e o forçado silêncio em Atenas lhe haviam potencializado no espírito o entusiasmo pelo divino mestre. E assim, sem calcular nem medir as consequências, derramou a flux sobre aquele auditório

NO CURSO BACHAREL LIVRE

Você irá estudar 40 Disciplinas de maneira sistemática em uma plataforma online em Pdf para imprimir e Vídeo aulas

GRADE CURRICULAR

Disponibilizadas em **PDF**

1 BIBLIOLOGIA
2 TEOLOGIA - DOUTRINA DE DEUS
3 CRISTOLOGIA
4 PNEUMATOLOGIA
5 ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA
6 HAMARTIOLOGIA
7 SOTERIOLOGIA
8 ECLESIOLOGIA
9 ANGELOLOGIA
10 ESCATOLOGIA
11 HERMENÊUTICA
12 HOMILÉTICA
13 EXEGESE BÍBLICA
14 ARQUEOLOGIA BÍBLICA
15 PENTATEUCO
16 EVANGELISMO E MISSÕES
17 TEOLOGIA PASTORAL E ÉTICA
18 HISTÓRIA DE ISRAEL
19 TEOLOGIA DO ANTIGO RESTAMENTO
20 TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO
21 ÉTICA CRISTÃ
22 GEOGRAFIA BÍBLICA
23 PEDAGOGIA
24 RELIGIÕES COMPARDAS
25 HISTÓRIA DO CRISTIANISMO
26 ARQUEOLOGIA BÍBLICA
27 EVANGELISMO PESSOAL
28 FILOSOFIA GERAL
29 HEBRAICO
30 GREGO
31 METODOLOGIA CIÊNTIFICA
32 PSICOLOGIA PASTORAL
33 ÉTICA MINISTERIAL
34 EXEGESE BÍBLICA
35 ECLESIOLOGIA
36 MISSIOLOGIA
37 TEOLOGIA SISTEMÁTICA 1
38 TEOLOGIA SISTEMÁTICA 2
39 TEOLOGIA PASTORAL
40 PORTUGUÊS



*Fotos Meramente ilustrativas



Plataforma de estudo

Você irá estudar o seu curso em uma plataforma Online pensada para você, no seu Computador ou celular



Vídeo Aulas e muito mais

Você irá estudar online com ajudar de vídeo aulas e apostila em pdfs provas e muito mais...



Certificado Online

Terá direito ao certifcado online dos cursos do básico até bacharel mais Oratória online.



Grupo Aberto no TELEGRAM

Você terá direito a um grupo no TELEGRAM onde semanalmente será enviado Informações Extras para Você sobre o seu curso



Mais Interativade

No grupo do Telegram você terá interatividade com os idealizadores do seu curso diariamente.



Apostilas em Pdf

As disciplinas estão também em PDF para o aluno Baixar e estudar até mesmo Imprimir

PERGUNTAS FREQUENTES

Tem Credencial?

Nós Trabalhamos com Certificado e Histórico escolar Online que podem ser impressos pelo aluno

Vocês enviam livros?

Nosso curso é 100% Online, não enviamos nenhum conteúdo por correios, todo conteúdo e disponibilizado na plataforma

Nunca estudei Online

Nós iremos lhe dar todo apoio para estudar como tutoriais ensinando o passo a passo de como estudar o seu curso.

DURAÇÃO DO CURSO DEPENDE DO ALUNO

O curso será estruturado em módulos acessíveis eletronicamente pela plataforma do Aluno – AVA Moodle, mediante digitação de um nome de usuário e senha. Imediatamente após a matrícula o aluno poderá acessar o primeiro módulo para estudo. Cada módulo possui atividades específicas como Fóruns, Livros e Vídeos; objetivando preparar o aluno para uma avaliação de conhecimentos que fechará o módulo.

Avaliações

As avaliações serão realizadas através DA PLATAFORMA DO Aluno – AVA Moodle ao final de cada módulo.

Investimento

Sem taxa de matrícula nem Mensalidade Valor total do curso. Curso com um unico valor

Requisitos Obrigatórios

Este curso não exige comprovante de escolaridade.

BACHAREL EM TEOLOGIA ONLINE

O Curso bacharel em Teologia Online é um curso realizado a distância através da plataforma – AVA Moodle. No campo da educação teológica se baseia em questões práticas, dissertações e pesquisas objetivas. Ao iniciar o curso o aluno pode acessá-lo no seu tempo disponível, sem compromisso com dias ou horários fixos, no conforto do seu lar por meio do seu computador, tablete ou celular. O aluno decide o tempo para terminar o seu curso. Por correspondência, o aluno recebe uma apostila e várias questões relativas a cada disciplina, as quais devem responder, com as fontes de informações indicadas pelo SETAT. O aluno decide o tempo para terminar o seu curso. O curso possui uma avaliação e uma redação final online, para ser aprovado o aluno deverá alcançar uma nota igual ou superior a 6, para receber seu Histórico e certificado na conclusão do curso. Somos uma escola diferente de todas as existentes! Ao mesmo tempo, buscamos profunda seriedade em nosso trabalho acadêmico elevado, sendo de vocação e dependência de Deus, altos propósitos, para os quais carecemos da graça de Deus para realizar. Venha fazer a diferença e faça parte da família SETAT, ore por seus educadores, louve a Deus e estude conosco, esperamos que você encontre neste site todas as informações que procura a respeito de nosso curso básico em teologia online.

Reconhecimento pelo MEC

O SETAT ministra cursos livres e estes NÃO são reconhecidos pelo MEC.

O curso tem mensalidade?

NÃO, nossos cursos tem uma taxa ÚNICA, e o aluno não paga mais NADA.

Posso fazer o Bacharel sem Ter feito o Básico?

Por ser um curso Livre online, o aluno pode estudar no seu tempo, tornando assim que o aluno não precise de niveis de aprendizado, e pode começar a estudar o curso completo sem partições de tempo como o Básico e Médio

RECONHECIMENTO DOS CURSOS

Os Diplomas e históricos do SETAT- Seminário de teologia ao Alcance de Todos, tem registro de firma reconhecida em cartório. A nova posição do governo sobre o assunto, no momento, muito seminários registrados estão com o processo de vinculação ao MEC. Até então o governo , no tocante a constituição , tem respeitado a separação entre a Igreja e o estado, por isso o MEC considera o ensino teológico dentro dos cursos da área de (ensino livre). A instituição deve estar destinada a formação de ministros religiosos. O curso em questão deve ser de nível superior pressupondo que seus alunos tenham concluído os dois ciclos do curso de nível médio (1° e 2° graus completos). Um curso para formação ministerial.

É reconhecido pela minha Convenção?

Terá que consultar a sua convenção se eles aceitam cursos livres em sua formação ministerial

Qual a linha teológica do Seminário?

Nosso seminário é Interdenominacional. Nós ensinaremos às 2 linhas teológicas Para o crescimento dos nossos alunos.

Quais são as forma de Pagamento?

Nós trabalhamos com Boleto, Cartão de Crédito em até 12x

SETAT

SEMINÁRIO DE

Teologia

AO ALCANCE DE Todos

REITOR DO SETAT

PASTOR

LENILBERTO Miranda

Informações:

TEOLOGIAAOALCANCEDETODOS.COM.BR